Recife – PE – UFPE / CCSA - MGP

Comportamento informacional dos jovens no Facebook: um estudo no Projeto Criança Esperança

Thais Dallariva Nascimento - thaisdallariva_bh@hotmail.com¹ Adriane Maria Arantes Carvalho - adriane.arantescarvalho@gmail.com¹

Resumo - Acessar uma rede social faz parte da rotina de jovens usuários que passam a maior parte do tempo conectados. O objetivo da pesquisa é investigar o comportamento informacional de jovens atendidos pelo projeto Espaço Criança Esperança no Facebook. O Facebook é um site de rede social que possibilita a comunicação, a troca de informações e a partilha de conhecimento e é uma das mais acessadas no mundo. A pesquisa foi realizada junto a 56 jovens, na faixa etária de 15 a 18 anos, em Belo Horizonte. Os dados foram coletados por meio de um questionário com questões que abordam as formas de acesso, preferências de uso e segurança da informação. Constatou-se que os jovens entrevistados tendem a se aproximar do perfil dos jovens da geração N-Gen pela maneira como usam o Facebook para emitir opiniões, compartilhar ideias, entender o mundo e isso é feito com muita frequência. Desta maneira confirma-se o entendimento do site de rede social como um mecanismo de fortalecimentos dos laços sociais dos jovens. Percebe-se também a construção da identidade e da subjetividade por meio da exposição no site da rede social, ressalvando-se que a falta de conhecimento do jovem usuário em relação a requisitos básicos de segurança pode colocá-lo em situações de risco.

Palavras-chave: Comportamento Informacional. Redes Sociais. Facebook. Juventude. Segurança da Informação.

Information behavior of young people on Facebook: a study in the Criança Esperança Project

Abstract - Accessing a social network is part of the routine of young users who spend most of their time connected. The objective of the research is to investigate the informational behavior on Facebook of young people from the Espaço Criança Esperança Project. Facebook is a social network site that enables communication, information exchange and sharing of knowledge and is one of the most accessed social networks in the world. The study was conducted with 56 young users, aged 15 to 18 years, in Belo Horizonte. Data were collected through a questionnaire with questions that deal with the forms of access, preferences of use and security of information. It was found that the young people interviewed tend to get closer to the profile of the young people of the N-Gen generation by the way they use Facebook to express opinions, share ideas, understand the world and this is done very often. This confirms the understanding of the social networking site as a mechanism for strengthening the social bonds of young people. It is also perceived the construction of identity and subjectivity through exposure on the social network website, however the young user's lack of knowledge in relation to basic safety requirements can put him in risky situations.

Keywords: Informational behavior. Social networks. Facebook. Youth. Information security.

Data de Aceitação: 15/05/2020

INTRODUÇÃO

A web 2.0 trouxe a possiblidade de criar comunidades e serviços online (COUTINHO, 2007, p.200). Primo (2007) reforça que a Web 2.0 potencializa "processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática." (PRIMO, 2009, p.I)

Esses serviços englobam aplicações baseadas em redes sociais e tecnologia da informação. Desse modo os sites de redes sociais acabam assumindo um papel especial no cenário tecnológico, pois permitem a comunicação e a interação social de diversas pessoas no mundo. De acordo com Recuero (2009), o ciberespaço e as ferramentas de comunicação possibilitam processos de interação diferenciados construídos pela mediação do computador. Isso também afeta os jovens.

Para Tapscott, citado por Parnaíba e Gobbi (2010), o jovem é um nativo digital, pertencente à Geração NET ou N-Gen e para ele as tecnologias não se limitam a serem instrumentos para essa geração, mas chegam a integrar o seu perfil. Prensky, citado por Coelho (2012), chama de nativos digitais os jovens que fazem uso constante das tecnologias da informação e da comunicação, apresentando intimidade com os meios digitais e com a habilidade e competência de realizar múltiplas tarefas ao mesmo tempo. Dados da PNAD Internet 2015 destacam que a maior utilização da internet encontra-se na grande faixa etária de 10 a 34 anos, em especial, entre 15 e 29 anos, que "representam as gerações Y e Z, mais ambientadas aos meios digitais e acostumadas a seus usos" (CASTRO, 2017, p.6). Considera-se como pertencentes à geração Y as pessoas nascidas nos anos 1980 até meados dos anos 1990 e como pertencentes à geração Z aqueles nascidos em meados dos anos 1990.

Palfrey e Gasser, citados por Tezane (2017) chamam a atenção para o fato de os nativos digitais utilizarem suas habilidades e competências digitais em vários contextos como nos relacionamentos (redes sociais), busca de informações, novas formas de comunicação, possibilidade de aprender. Diferentes das gerações precedentes, "os jovens da atualidade possuem a liberdade de criar, modificar, criticar, analisar, simular, discutir, construir e destruir o mundo ao seu redor em tempo atual" (PARNAÍBA; GOBBI, 2010). E os sites de redes sociais constituem um espaço de ação e de criação de identidade para os jovens. O acesso às tecnologias digitais faz com que o jovem se torne apto a criar novos laços sociais, "facilitando a aquisição de conhecimento, adquirindo criatividade, agregando juízo de valor, aumentando a autoestima dos jovens, além de permitir que adquiram novos valores e modifiquem o comportamento" (SOUZA; SOUZA, 2010, p.128), adquirindo conhecimento no mundo atual e virtual.

O Facebook adquire uma visibilidade relevante, porque é uma ferramenta que proporciona liberdade de comunicação e de expressão. Ao analisarem a popularidade (audiência) de sites em diversos grupos de países, Cappellozza e Moraes (20140) destacam que o Facebook ocupa a primeira ou a segunda posição em todos os continentes e a primeira na América Latina e em nível mundial.

Recife – PE – UFPE / CCSA - MGP

A pesquisa TIC Kids Online Brasil, realizada em 2015, revelou que 90% dos jovens têm pelo menos um perfil na rede social Facebook, o que demonstra a penetração dessa rede social junto ao público jovem (MESQUITA, 2015). No entanto, o Brasil é um país conhecido pela sua grande desigualdade social, a qual também afeta os jovens. De acordo com dados do Censo 2010 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010), o Brasil possui 51,3 milhões de jovens, que correspondem a 26,9% da população brasileira. Em 2013, a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), organizou a Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião da Juventude Brasileira. Essa pesquisa, com amostra de 3,300 entrevistados em áreas urbanas e rurais de 187 municípios das 27 unidades da federação, traçou um retrato do jovem brasileiro. Aproximadamente 16% dos jovens estão em estado de vulnerabilidade; e 9% na faixa da pobreza e 4% na pobreza extrema. (AGENDA PÚBLICA, 2015).

Existem diversas iniciativas na sociedade que buscam trabalhar para a redução dessa desigualdade. Uma delas é o Projeto Espaço Criança Esperança que lida com crianças e jovens carentes. Em Belo Horizonte, ele ocorre em função da articulação entre a da Rede Globo de Televisão, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), a PUC Minas e a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Ele visa atender, principalmente, jovens e adolescentes e suas famílias, residentes no aglomerado da Serra, que localiza-se na região centro-sul de Belo Horizonte. Foi a partir desse contexto que emergiu o problema de pesquisa: compreender como esses jovens se comportam numa rede social.

Assim o objetivo geral desse estudo é investigar o comportamento informacional dos jovens atendidos pelo projeto Criança Esperança no Facebook. Os objetivos específicos são: identificar como esses jovens acessam a rede social, com que frequência e com que finalidade; identificar quais são recursos tecnológicos que utilizam na rede social; e verificar se os jovens se preocupam com a segurança das suas informações ao utilizar essa rede social.

Ao abordar o comportamento informacional dos jovens em redes sociais, parte-se do pressuposto de que "a inclusão digital é um processo complexo, que responde a um fenômeno multidimensional (não apenas dicotômico, como ter ou não acesso) e que abarca toda e qualquer ação que vise diminuir ou eliminar a desigualdade digital" (CARDOSO *et al*, 2014, p.47). Assim, devem ser considerados a analisados aspectos que permitam tanto a inclusão social e política dos jovens, sua liberdade de expressão, de ação e de cidadania, como também aqueles que contemplem a sua segurança. E como alerta Boyd, "a chave para entender como os jovens navegam nas mídias sociais é se afastar das manchetes – tanto as boas quanto as ruins – e mergulhar nas realidades cheias de nuances das pessoas jovens" (BOYD, citado por SILVEIRA, 2017).

COMPORTAMENTO INFORMACIONAL

Os estudos de usuários possuem uma longa tradição e consistem em investigações que abordam porque, como, e para quais fins os indivíduos usam informação, e quais fatores que afetam seu uso (FIGUEIREDO, 1994). De acordo com Araújo (2016), a partir dos anos 1980,

Recife - PE - UFPE / CCSA - MGP

surge uma abordagem centrada no usuário, de natureza cognitivista e que considera o caráter ativo do usuário. Esta abordagem parte da ideia de que o comportamento informacional tem início com uma situação problemática, que ativa as ações de busca por informação. Desta maneira "o sujeito se engaja no processo de busca que resultará no encontro e uso da informação (ARAÚJO, 2016, p.65).

Uma dessas abordagens é o modelo de Wilson e Walsh que utiliza várias etapas para o entendimento do comportamento informacional (FIG.I). A primeira etapa, denominada Contexto da Necessidade de Informação, diz respeito à busca de informação para satisfazer determinada necessidade (OLIVEIRA, 2013). Envolve compreender o que deverá ser identificado, estudado e analisado na realização da pesquisa, considerando a pessoa no contexto e sua decisão na procura por informação (CUNHA, 2015).

A segunda etapa - Mecanismos de Ativação - aborda explicações sobre quais as fontes de informação serão utilizadas pelo usuário (OLIVEIRA, 2013). Apesar de utilizarem a teoria do stress/coping, admitem a utilização de outras fontes de motivação além do stress (CUNHA, 2015).

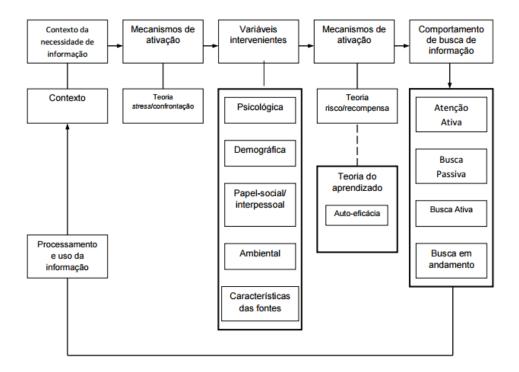


Figura 1- Modelo do Comportamento Informacional de Tom Wilson e Cristina Walsh

Fonte: Oliveira, 2013, p. 53

Na terceira etapa - Variáveis Intervenientes (ou barreiras) – são identificados os elementos pessoais que afetam o comportamento de busca do usuário, podendo dificultar o comportamento de procura ou de processamento da informação (OLIVEIRA, 2013; CUNHA, 2015). São abordadas diferentes variáveis: psicológicas, com as características emocionais, fisiológicas, cognitivas e nível educacional de uma pessoa; demográfica, tais como idade, gênero, econo-

Recife – PE – UFPE / CCSA - MGP

mia e classe social; papel social/ interpessoal, que aborda a natureza da fonte de informação utilizada e das interações necessárias para ter acesso a ela; ambiental, que inclui elementos do contexto no qual está inserido o indivíduo; e as características da fonte de informação utilizada, tais como acesso e credibilidade.

A quarta etapa diz respeito aos Mecanismos de Ativação e busca explicações sobre os motivos pelos quais algumas fontes de informação podem ser mais utilizadas que outras por um indivíduo. Para isso associa a ativação à teoria do risco e recompensa, teoria da aprendizagem social e ao conceito de autoeficácia (CUNHA,2015).

A quinta etapa refere-se ao Comportamento de Busca de Informação e apresenta alguns comportamentos diferenciados que os usuários podem ter, dentre eles o de atenção ativa, sem necessariamente nenhuma busca de informação pretendida; busca passiva, quando uma busca resulta na aquisição de uma informação que parece ser relevante para o usuário; busca ativa, quando o usuário busca efetivamente uma informação; e busca em andamento, quando há uma continuidade no processo de busca após ter ocorrido a busca ativa. (WILSON; WALSH, citados por OLIVEIRA, 2013)

Por fim tem-se que o estudo do comportamento informacional ajuda a entender o usuário e investigar os elementos que o afetam na busca da informação, seja essa busca orientada à realização de uma pesquisa ou não. Para Davenport (2018), o comportamento informacional procura entender como cada um entende, explora, administra e lida com determinada informação.

SITES DE REDES SOCIAIS NA INTERNET

Do conceito de rede emerge o conceito de redes sociais que "representa um conjunto de participantes autônomos unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados" (MARTELETO, 2001). As redes sociais podem ser caracterizadas pela sua grande abrangência e nelas podem-se criar diversos grupos: grupos de trabalhos, vizinhos, amigos de faculdade, ciclo de amigos, pessoas conhecidas, podendo desse modo, criar espaços de iterações, compartilhamento de informações e conhecimentos.

Boyd e Ellison (2007) definem uma rede social como um serviço cibernético que permite aos indivíduos a construção de perfis (público ou semipúblico), a articulação e a o compartilhamento de informações, o que permite que a sua informação seja vista por outros pertencentes ao mesmo serviço. Desta maneira, o uso do termo rede social refere-se "a um conjunto de pessoas, organizações ou entidades sociais conectadas por relacionamentos pessoais, motivados pela amizade (estende-se para o ambiente virtual as relações do mundo físico), relações de trabalho ou compartilhamento de informações" (AMARAL, 2016, p.31).

A rede em si cria uma amplitude diversa que possibilita comunicação, conexões com outras pessoas, troca de informações e partilha de conhecimento. Os usuários podem ser receptores e/ou produtores de conteúdo. Receptores são aqueles que veem determinada informação e podem compartilhar com os demais, já os produtores de conteúdo são aqueles que criam informação a

Recife - PE - UFPE / CCSA - MGP

ser divulgada/ repassada a demais usuários. A esse usuário que não apenas usa, mas também media e produz informações, Bruns, citado por Ziller (2011), atribui o nome de *produser*.

Para Reid, citado por Recuero (2009), a interação social, no contexto do ciberespaço, pode ocorrer de forma síncrona ou assíncrona, em função da diferença de construção temporal causada pela mediação. A autora entende que a interação mediada por computadores é geradora de relações sociais, as quais criarão laços sociais.

Ao analisar o padrão de conexão entre os indivíduos, Granovetter (1973) descreve como laços fortes aqueles oriundos de uma identidade comum, caracterizando-se pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão, geralmente participando de um mesmo círculo social. Por sua vez os laços fracos referem-se à conexão com indivíduos e formações diversas, com os quais as trocas são mais difusas mas que, por isso mesmo, permitem a conexão com outros grupos, rompendo o isolamento e assumindo a configuração de rede social.

Kaufman (2012) destaca que a formação das "comunidades virtuais" propiciou um crescimento exponencial das redes de laços fracos. Mas Recuero destaca que a internet possibilitou o advento dos laços sociais mantidos a distância. Para ela "a comunicação mediada por computador apresentou às pessoas formas de manter laços sociais fortes mesmo separadas a grandes distâncias [...]. Esta desterritorialização dos laços é consequência direta da criação de novos espaços de interação" (RECUERO, 2009, p.44).

Recuero define sites de redes sociais como "espaços utilizados para a expressão das redes sociais na internet" (RECUERO, 2009, P.102), permitindo sua visibilidade e articulação e a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço off-line (BOYD; ELLISON, 2007).

A rede social FACEBOOK

A rede social Facebook foi criada em 2004 pelo americano Mark Zuckerberg com o intuito de criar uma rede de contatos para jovens que estavam saindo do ensino médio ou entrando no ensino superior. Atualmente o Facebook é um dos sistemas com maior base de usuários no mundo. Segundo dados do site AGÊNCIA BRASIL (2018), a ferramenta conta com 2,3 milhões de usuários sendo que desses 1,5 milhões que acessam todos os dias.

Essa expansão, ocorreu devido a uma série de fatores, dentre os quais destacam-se:

Facilidade de uso; o fato de ser uma ferramenta gratuita; a possibilidade de estabelecer relações afetivas; existência de jogos online; possibilidade de produzir e receber conteúdo; possibilidade de inteirar-se de algum produto ou serviço; buscar vagas de emprego; participar de espaços de discussões dentre outros (PATRÍCIO; GONÇALVES, 2010, p.594).

O Facebook utiliza perfis e comunidades, permitindo adicionar a cada perfil jogos e ferramentas. A utilização de aplicativos é considerada uma das formas de personalizar o perfil

do usuário (BOYD; ELLISON, 2007). Ele "é considerado como uma grande plataforma que foca no perfil individual combinando com ferramentas iterativas promovendo o coletivo por meio de chats, grupos, fóruns de discussão" (ARNOLD, citado por MIRANDA *et al*, 2010, p.3).

Outro ponto forte foram as aplicações mobile, que permitem que usuários passem a maior parte do tempo conectados. De um modo geral, o uso de *smartphones* é considerado como o "produto de tecnologia mais popular entre todas as faixas etárias e classes sociais, com adoção praticamente global, permitindo identificar a personalidade e o estilo de vida de cada consumidor." (CASAS, citado por FERREIRA; ARRUDA FILHO, 2015, p.48). De acordo com o Facebook, entre 1,71 bilhão de usuários da rede social, 44% deles só acessam a rede social pelo celular, fazendo com que grande parte dos usuários estejam conectados grande parte do tempo (CAPUTO, 2016)

Desta maneira,

O Facebook transformou-se não só num canal de comunicação e um destino para pessoas interessadas em procurar, partilhar ou aprender sobre determinado assunto, mas igualmente um meio de oportunidades para o ensino, particularmente: é uma ferramenta popular; fácil de usar; não necessita de desenvolvimento interno ou de aquisição de software; é útil para alunos, professores e funcionários; permite a integração de diversos recursos no Facebook (RSS feeds, blogs, twitter, etc.); fornece alternativas de acesso a diferentes serviços; permite o controle de privacidade (podemos controlar a informação que queremos que os outros vejam sobre nós); e, acima de tudo, não a podemos ignorar. (KELLY, citado por Severo; Maravilhas, 2015, p.3).

Além disso, Recuero considera que o Facebook enquadra-se na categoria de sites de redes sociais "cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicização dessas redes (RECUERO, 2009, p.109). Ao investigar e demarcar a representação que o Facebook desempenha na participação dos usuários, Amaral (2016) observou que o Facebook constitui-se como um canal que ampliou os limites das relações interpessoais dos usuários investigados, assim como alterou o modo como a interação se efetiva entre as pessoas sem a barreira física do espaço e do tempo. Mas também constatou que pode haver um superdimensionamento da exposição da intimidade, oriundo da necessidade de se mostrar e ser mostrado.

Para Assunção e Matos (2014), as novas esferas virtuais e da comunicação mediada por computador e dispositivos móveis se constituem "como novos contextos de experimentação, ensaio e aprendizagem de competências e atitudes perante o mundo e os outros" (ASSUNÇÃO; MATOS, 2014, p.541).

Recursos tecnológicos de comunicação do Facebook

O Facebook possui vários recursos de comunicação e os principais são:

RMP Revista dos Mestrados Profissionais – RMP HTTPS://PERIODICOS.UFPE.BR/REVISTAS/RMP

ISSN - 2317 - 0115 v. 7, n. 2. (2018) Recife - PE - UFPE / CCSA - MGP

• Eventos: permite criar, anunciar eventos, festas, protestos, passeatas e outros. Os usuários podem se posicionar em relação aos eventos com os seguintes retornos (tem interesse, comparecer, ignorar), Esse recurso permite que os usuários presentes no evento convidem outros amigos da rede e mantenham-se atualizados em relação aos mesmos.

- Grupos: permite criar grupos de usuários. Têm como objetivo deixar o usuário informado de algum assunto referente ao grupo e, normalmente, é utilizado para vagas de emprego, compra ou venda de algum produto e ou serviço, compartilhamento de ideias e pensamentos.
- Marketplace: é um espaço para compra e venda de produtos que funciona para todos os usuários da rede social. No celular, a ferramenta permite inserir produtos à venda e pesquisar anúncios de acordo com sua localização atual. É possível usar filtros para encontrar produtos específicos por categoria. O aplicativo não permite inserir a forma de pagamento, somente serve para negociar compra e venda de produtos.
- Amigos nas mediações: permite que o usuário e seus amigos da rede compartilhem suas localizações uns com os outros. Quando o recurso é ativado, o histórico de localização também é ativado. Essa funcionalidade só é possível através de dispositivos moveis (celulares, *tablet*, *Ipad*)
- Páginas: permite ao usuário criar uma página (miniblog) ou curtir páginas criadas por outros usuários. Por meio delas o usuário pode se inteirar de informações abordadas nas páginas. Ele pode receber atualizações no seu *feed* de notícias quando há alguma nova informação naquela página.
- Feed de Notícias: painel/lista com as atualizações de conteúdo realizadas pelos usuários do Facebook, sendo essas publicações públicas ou de amigos da rede. Pode-se compartilhar fotos, vídeos, demonstrar alguma reação (ícones iterativos) na opção curtir, assim como criar postagens e comentar as postagens criadas por outros. De acordo com Coutinho (2007), esse mecanismo possibilita uma escrita coletiva por meio das postagens que podem ser realizadas no próprio feed ou no feed de outro usuário que faça parte da sua rede de amigos.
- Check-in: serviço que permite marcar a localização do usuário utilizando o serviço de localização do smartphone ou do computador. A localização é compartilhada com os amigos da rede, mostrando onde o usuário encontra-se no momento.
- Salvos: permite criar coleções para organizar os itens salvos. O usuário pode fazer álbuns de conteúdos por tema, além das categorizações estabelecidas pela própria plataforma (links, vídeos, produtos e fotos). Dessa forma, fica mais fácil encontrar os itens salvos, especialmente aqueles guardados há muito tempo.
- Comunicação assíncrona: o usuário pode enviar e receber mensagens dos amigos que fazem parte da sua rede utilizando o Chat (Messenger). Pode enviar e receber fotos, vídeos e arquivos por essa opção (COUTINHO, 2007). As mensagens que são enviadas e recebidas são visualizadas apenas entre o(s) destinatário(s) e o remetente. Pode-se também adicionar mais de uma pessoa na conversa, além desse recurso permitir a opção de conversa através de vídeo ou áudio.
- Acesso a vídeos: o usuário pode visualizar vídeos do Youtube no seu *feed* de notícias e no *feed* dos seus amigos da rede (COUTINHO, 2007). Além de dispor de *lives*

Recife – PE – UFPE / CCSA - MGP

que são vídeos ao vivo em tempo real.

- Compartilhamento de fotos: o usuário pode compartilhar ou reproduzir uma foto para os amigos da rede. Isso promove uma liberdade ao usuário (COUTINHO, 2007).
- Aplicativos Online: usuários de toda a rede podem jogar online interagindo com amigos e outras pessoas de todo o mundo.

Recursos de segurança no Facebook

Uma parte importante nas redes sociais é o mecanismo de acesso. O controle de acesso pode ser dividido em três tipos distintos:

Controle de acesso discricionário (CAD) é aquele em que um usuário pode definir o controle de acesso para negar ou permitir acesso a um objeto; Controle de acesso compulsório (CAC) - é aquele onde o sistema define o controle de acesso e não pode ser modificado pelo usuário;

Controle de acesso controlado pelo originador (CACO) - é aquele onde o controle de acesso ao objeto é definido pelo criador do mesmo. (BISHOP, citado por SANTOS; PORTO; ALTURAS, 2006, p 54)

Segundo Santos, Porto e Alturas (2006) alguns aspectos críticos devem ser destacados no controle de acesso:

a) Prevenção da Integridade

Para Bishop, citado por Santos, Porto e Alturas, a integridade "se refere à credibilidade do dado ou recurso, usualmente em termos de prevenir alterações inapropriadas ou não autorizadas" (2009, p.54). No Facebook apenas o dono da conta tem a permissão para alterar ou excluir seus dados. Alguns perfis falsos podem ser criados na rede, permitindo que algumas pessoas forjem determinada identidade para buscar dados ou informações relevantes de usuários. É necessário tomar cuidado e saber reconhecer esse tipo de situação.

b) Prevenção da Confidencialidade

Confidencialidade refere-se "à necessidade de manter a informação segura e privada" (FERRAIOLO; KUHN; CHANDRAMOULI, citados por SANTOS; PORTO; ALTURAS, 2009, p.54). O Facebook possui um mecanismo no qual o usuário controla como o outro usuário irá ver os seus dados, se vai ser somente o usuário, os amigos, os amigos de amigos ou todos. Também há a opção de marcar os dados e essa marcação é feita pelo próprio usuário dono da conta. No álbum de fotos o usuário pode selecionar aquele que verá e aquele que não verá determinado álbum.

O site de rede social Facebook pode atrair pessoas mal intencionadas. Muitos crimes podem ser acometidos por meio de computadores e dispositivos móveis. Da mesma forma que a tecnologia avança, as pessoas mal intencionadas se escondem por trás das tecnologias. Portanto,

para usar o Facebook com segurança, é importante que o usuário esteja ciente dos riscos e tomar medidas preventivas para evitá-los.

No menu de Configurações, que possui orientações sobre de privacidade e segurança, o usuário pode configurar o aplicativo para receber alertas caso alguém tente acessar sua conta com um novo dispositivo ou navegador. No caso de uso de *smartphones*, pode ser configurado um padrão de senha antes de abrir a aplicação no dispositivo, reforçando ainda mais o índice da segurança e integridade dos dados do usuário. Esses índices de segurança pré-definidos e configurados na plataforma servem para garantir e ajudar a proteger a integridade dos dados e informações do usuário. (FACEBOOK, 2016).

Assim, é fundamental que o usuário tenha conhecimento e saiba sobre segurança da plataforma com relação à integridade e confiabilidade dos dados para se proteger no meio virtual, não deixando dados disponíveis indevidamente.

O acesso ao Facebook por jovens

Promulgado em 2013, o Estatuto da Juventude define como jovens aqueles que se encontram na faixa etária compreendida entre 15 a 29 anos para os jovens (BRASIL, 2013). Até a sua promulgação, a categoria "juventude" não existia formalmente, e estava excluída, portanto, do escopo de políticas, ações e mesmo do debate sobre direitos e cidadania (ABRAMO, 2003).

O termo juventude é denominado no plural "juventudes" pela grande diversidade cultural, de interesses e valores envolvidos em todo seu contexto (CARVALHO *et al*, 2012, p.4). Esse é o período no qual ocorre a transição para a maturidade, visando valorizar experiências passadas e questionamentos futuros, refletindo, inclusive, sobre o processo de identidade que integra o indivíduo no meio social. Mas é também possível pensar a juventude como ator político e valorizar os interesses coletivos baseados em experiências culturais próprias. Para Freire, cabe reconhecer a importância da autonomia do jovem e deste assumir-se como ser social e histórico (FREIRE, 1996, p.23).

De um modo geral as redes sociais são muito utilizadas por jovens e adolescentes, o que é amplificado pelo uso de aplicativos e serviços instalados nos *smartphones*. Uma realidade muito presente é a quantidade de horas que os jovens e adolescentes passam conectados em redes sociais. O uso constante de aparatos resulta-se como consequência estarem conectados a maior parte do seu tempo. No entanto, observa-se "o embaralhamento de fronteiras entre trabalho e lazer, ócio e tempo produtivo; pois o jovem é privilegiado por poder acessar diversos sites e fazer múltiplas conexões ao mesmo tempo" (CASTRO, citado por SILVA; PEREIRA, 2015, pI).

O lado negativo diz respeito, segundo Silva e Pereira ao "pertencimento e da sociabilidade nos dias de hoje" (2015, pI), de modo que há o risco do jovem deixar de interagir pessoalmente (de comunicar com o outro) para comunicar com alguém do outro lado da rede (a grande maioria das vezes essa pessoa pode estar do outro lado do mundo). Isso gera

Recife – PE – UFPE / CCSA - MGP

como consequências jovens isolados no mundo real e jovens presentes no mundo virtual.

Cada usuário possui uma característica distinta, um objetivo e um proposito para estar nesse tipo de rede. Alguns estão por interações e ou relacionamentos com outros usuários, alguns estão para acompanhar alguma informação atualizada em tempo real, outros para compartilhar de opiniões em meios de fóruns, outros para comprar e vender produtos e serviços. Alguns optam por expor e compartilhar a informação produzida por eles enquanto outros preferem ser apenas receptores, visualizando aquilo que é produzido na web. É necessário que os jovens e adolescentes tenham noção da dimensão da ferramenta e daquilo que pode ser proporcionado, podendo realizar seu uso correto, de maneira devida.

Uma pesquisa realizada com alunos, na faixa etária de 15 anos de um colégio estadual de ensino fundamental da Cidade de Santa Maria (RS), destaca o uso frequente do Facebook por dispositivos moveis e evidencia uma socialização maior no contexto virtual do que no contexto real (SILVA; PEREIRA, 2015). Vários desses jovens não possuem o acompanhamento dos pais na rede, ou seja, não sabem dos riscos e dimensões de crimes no âmbito cibernético.

Outra pesquisa realizada por Oliveira e Ferreira (2013), com 20 alunos de uma escola pública do Recife, constatou que muitos dos jovens não sabem de todas as configurações existentes no Facebook e a maioria não possui acompanhamento dos pais na rede. A falta de acompanhamento é apontada como geradora de maior mudança de comportamento desses jovens. A pesquisa de Silva e Pereira (2010) destaca que o fato do jovem não ter o acompanhamento de um adulto provoca brechas de segurança, fazendo com que o jovem possa expor dados ou informações indevidas, que ao serem divulgadas podem trazer certos riscos a ele.

Assunção e Matos (2014) realizaram um estudo exploratório com 20 jovens portugueses, entre 15 e 18 anos, com o intuito de compreender o posicionamento em relação uso da rede social Facebook, especialmente em relação às dicotomias público /privado, real/virtual, riscos/ benefícios e, ainda, o conceito de amizade. No estudo foi identificado que o uso do Facebook para saber o que se passa na vida do outro, para jogar jogos, conversar online e informar-se sobre eventos. As autoras destacam que os jovens entrevistados reconhecem que a exposição na rede pode ter consequências negativas, mas que isso só ocorrerá se não controlarem as suas definições de privacidade e as suas próprias publicações. E, assim, as questões de segurança não se apresentavam como uma preocupação premente e constante. De acordo com as autoras, os resultados sugerem que "os jovens distinguem as noções de público e de privado, estando conscientes das diferenças entre aquilo que é do domínio da sua privacidade e do domínio das suas publicações" e, assim, não estariam tão confusos em relação aos limites entre essas fronteiras (ASSUNÇÃO; MATOS, 2014, p. 547). Com relação às amizades no Facebook, os jovens declararam possuir um elevando número de amigos na rede, quase sempre pessoas conhecidas. No entanto as conversações online diferiam um pouco das conversações face a face, permitindo supor que alguns desses contatos fossem mais próximo no ambiente online do que no ambiente presencial. Com relação à presença dos pais na sua rede social no Facebook, muitos admitiram que os pais pertenciam e que percebiam essa participação não como um meio de controle, mas como uma forma de comunicação ou de curiosidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A realização de um estudo para investigar o comportamento informacional pode ser caracterizada como uma pesquisa exploratória que tem como objetivo "proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato" (GIL, 1999, p.45).

O primeiro passo da pesquisa foi a realização do levantamento bibliográfico e a elaboração do referencial teórico, que incluiu um estudo da política e das ferramentas e recursos da rede social Facebook.

O segundo passo consistiu na escolha do *lócus* de realização do estudo. O projeto Criança Esperança foi escolhido para a aplicação da pesquisa por trabalhar com jovens na faixa etária da pesquisa e que, mesmo estando situados em um mesmo lugar, podem apresentar perfis diferenciados.

Optou-se pela realização de pesquisa de natureza quantitativa. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário, o que é forma tradicional de abordagem em estudos de usuários. As questões da primeira parte do questionário foram elaboradas tendo como referência o modelo de comportamento informacional de Wilson e Walsh, citados por Oliveira (2013) e Cunha (2015). A segunda parte do questionário incluiu perguntas sobre o tema da segurança da informação. O Quadro I mostra a distribuição das 23 questões em função das categorias analíticas. Antes da aplicação dos questionários foi realizado um pré-teste com os alunos do projeto de extensão Beira Linha da PUC Minas. Após a realização do pré-teste e analisados os resultados, foi elaborada a versão final do questionário.

Quadro I – Categorias Analíticas

Categorias analíticas		Questões
1	Psicológica	Cabeçalho (Escolaridade, trabalho e oficinas realizadas no projeto)
2	Demográfica	Cabeçalho: (Sexo, Idade), 19
3	Papel Social / Interpessoal	7 a 12,16 a 18
4	Ambiental	1,6
5	Características das fontes de acesso	1,6, 22 e 23
6	Segurança de Informação	13,19,22,23

Fonte: Elaborado pelas autoras

No dia 28 de Abril de 2016 foi realizada uma visita ao local do projeto, no Aglomerado da Serra, para conhecer o espaço ocupado pelo Projeto Espaço Criança Esperança e para definir junto à coordenação do Espaço os grupos de jovens que poderiam participar do estudo. No primeiro semestre de 2016 encontravam-se matriculados 132 jovens na faixa etária de 15 a 18 anos que participavam de três oficinas: cultura, esporte e curso profissionalizante. Dos 132 jovens, 56 participaram da pesquisa respondendo ao questionário.

A aplicação dos questionários ocorreu no período dos dias 02, 04 e 06 de Maio de 2016, durante o horário de realização de alguma oficina na qual eles encontravam-se matriculados.

Foram feitas várias tentativas para obter o número de respondentes necessários para obter o grau de confiabilidade de 90%, que seria de 89 questionários respondidos. No entanto isso não foi possível, pois os jovens dessa faixa etária revelaram-se infrequentes durante o período de coleta dos dados. O número de questionários obtidos (56) não permite trabalhar com um grau de confiança estatisticamente confiável. Por isso os resultados não podem ser analisados como representativos do universo, mas podem ser analisados como tendência de comportamento.

Após a coleta dos dados ocorreu a tabulação dos questionários, utilizando a ferramenta Minitab. Após a tabulação, os dados foram analisados e confrontados com o referencial teórico e os resultados são apresentados a seguir.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O Projeto Espaço Criança Esperança tem como principal objetivo contribuir para a formação humana de seus educandos, promovendo a inclusão social, o protagonismo juvenil e, principalmente, uma educação conscientizadora. (ESPAÇO CRIANÇA ESPERANÇA, 2012), podendo ser entendido como um projeto de inclusão social de crianças, adolescentes e famílias de classes populares. Fruto de uma articulação de diferentes atores, a intervenção comunitária ocorre no Aglomerado da Serra, região centro-sul de Belo Horizonte e um dos maiores aglomerados humanos da América Latina. A região possui elevada vulnerabilidade social e limitado acesso a políticas públicas (BORGES *et al*, 2012). O público-alvo são os adolescentes que residem na região e sujeitos a um alto grau de vulnerabilidade social, que inclui aspectos de violência, tráfico de drogas, gravidez precoce, evasão escolar, violência doméstica, trabalho infantil, dentre outros (BORGES *et al*, 2012). As oficinas realizadas pelo projeto baseiam-se na educação libertadora idealizada por Paulo Freire (BORGES *et al*, 2012).

No ano de realização do estudo, o projeto atendia jovens de 15 a 29 anos em diversas oficinas: esportes (futebol, handebol, vôlei), cultura (teatro, dança e música) e cursos profissionalizantes (manutenção de computadores, panificação. Os períodos de aprendizagem são divididos entre manhã, tarde e noite. Cada jovem pode realizar mais de uma oficina desde que a mesma não venha a comprometer o seu período escolar. Em 2016 foram realizadas 850 inscrições para as oficinas. Deste total, 300 inscrições não puderam ser atendidas.

Perfil dos Jovens Entrevistados

Dos 56 jovens entrevistados, 64,3 % são do sexo masculino (36 jovens) e 35,7 % do sexo feminino (20 jovens). Todos os entrevistados encontram-se na faixa etária de 15 a 18 anos. Com relação à escolaridade, 23,2 % encontra-se com o ensino fundamental incompleto, 19,6% no ensino fundamental completo, 37,5% encontra-se no ensino médio incompleto e 19,6 % possuem ensino médio completo. Desses jovens, 8,9% trabalham e, destes, a maioria é do sexo feminino. Tais dados sugerem uma inserção precoce dessas jovens no mercado de trabalho. De acordo com um estudo realizado por Chacham, Neves e Jayne (2016) junto a mulheres jovens das camadas populares de Belo Horizonte, 25% das jovens na faixa etária de 15 a 19 anos já exerciam

Recife - PE - UFPE / CCSA - MGP

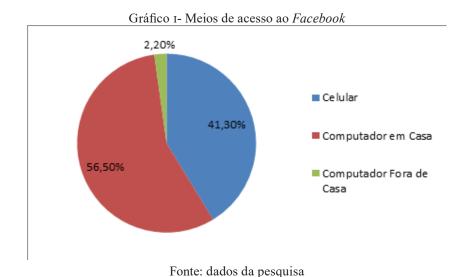
alguma atividade remunerada e os empregos eram em setores de baixa qualificação. Ressalta-se que nesse estudo as autoras revelam que muitas dessas jovens haviam interrompido a sua escolarização, o que não se observa no universo pesquisado no Projeto Escola Criança Esperança.

Com relação à participação nas oficinas do projeto: 19,35% realizam oficinas de cursos profissionalizantes; 32,36 realizam oficinas de cultura; e 48,39% realizam oficinas de esporte, nesse caso todos são do sexo masculino.

Formas de Acesso

Ao analisar a forma de acesso, percebe-se que a maioria dos jovens possui internet em casa (75%), sendo que destes 64,28% são do sexo masculino e 35,7% do sexo feminino. Os jovens que não possuem internet em casa correspondem a 25% do total, sendo 69,2% do sexo masculino e 30,8% do sexo feminino.

Todos os cinquenta e seis jovens entrevistados possuem perfil no Facebook e acessam a plataforma de mais de uma maneira. A maioria dos jovens (56,5% do total) afirma acessar o Facebook por meio de celulares ou dispositivos moveis, enquanto 41,3% deles acessam a plataforma apenas por computadores na própria residência e 2,2 % acessam a plataforma por computadores fora da residência (computadores localizados no próprio projeto estudado. Segundo dados da pesquisa TIC Educação 2015 o principal local de acesso à internet pelos jovens da região Sudeste é a residência (sala de casa ou quarto) quando comparado a outros locais (casa de outra pessoa e outro local) (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2016, p.28).



Nesse ponto é importante destacar as críticas que são feitas ao conceito do jovem como um nativo digital e que desconsideram a efetividade desse acesso e o desenvolvimento de competências de maneira uniforme. A pesquisa TIC Educação 2015 revela que 80% dos jovens de 9 a 17 anos são usuários de internet no Brasil. Também ressalta que o uso de dispositivos, especialmente das tecnologias móveis e do acesso a redes de banda larga, tem "implicações importantes

Recife – PE – UFPE / CCSA - MGP

na vida das crianças no contexto escolar, na medida em que transformam a maneira como elas socializam e se relacionam com seus pares, familiares e na escola" (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2016, p.28). Silveira (2017) argumenta que problemas de acesso básico a dispositivos digitais e a uma internet de qualidade podem limitar a experiência digital dos jovens e, desta maneira, dificultar a aprendizagem e o desenvolvimento de competências. Logo, a identificação de um jovem como nativo digital, a partir da sua data de nascimento e pertencimento a uma dada geração Y ou Z, deveria incorporar considerações sobre o acesso desse jovem aos dispositivos e à internet, pois esse acesso (ou não acesso) cria desigualdades no processo de aprendizagem.

Com relação ao turno em que acessam o Facebook, 43,3 % dos jovens no período noturno, enquanto 34,3% acessam no período da tarde e 22,4% acessam no período da manhã. Em relação ao número de vezes ao dia em que o perfil é acessado, 16,28% acessam apenas única vez ao longo do dia, 13,96% acessam 2 vezes ao dia, 13,96% acessam 3 vezes ao dia. No grupo que acessa o perfil mais de 3 vezes ao dia estão uma parcela de 55,8%. Dados da pesquisa TIC Educação 2015 revelam que 61% dos estudantes da região Sudeste acessam a internet mais de uma vez por dia, assim torna-se relevante a frequência com que os jovens pesquisados acessam a rede social (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2016).

Com relação ao volume de horas que os entrevistados ficam conectados na rede social, tem-se que 28,5% dos jovens passam conectados I hora por dia, 4,9% ficam conectados 2 horas por dia, 21,4% ficam conectados 3 horas ao dia, 45,2% ficam conectados mais de 3 horas no dia. Observou-se que os jovens entrevistados do sexo feminino possuem uma tendência maior a ficar conectados, isso ocorre na faixa etária pesquisada devido ao fato das jovens interagirem mais por meio do site da rede social. Como não foi indagado o motivo que leva a essa frequência de acesso, supõe-se que ela ocorra em função do turno de estudo desses jovens e do meio utilizado para o acesso à rede social.

Comportamento informacional

Para Araújo (2016), os estudos de comportamento informacional "buscam dados "subjetivos" do real (impressões, julgamentos, avaliações, sentimentos), e os confronta a um quadro de modelos cognitivos da relação do sujeito com o mundo" (ARAÚJO, 2016, p.75). Desta maneira, os dados a seguir sobre a finalidade de acesso e de uso dos recursos buscam descrever o comportamento dos jovens pesquisados.

Finalidade de acesso ao Facebook

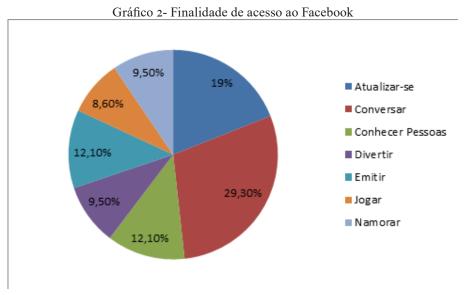
O Gráfico 2 exibe os resultados encontrados para a finalidade de acesso ao Facebook. A finalidade mais apontada pela maior parte dos jovens é conversar (29,3%). Observa-se uma tendência nos jovens na faixa etária de 15 a 18 anos de estarem conectados conversando com amigos, colegas e conhecidos. Esse resultado assemelha-se ao das pesquisas de Silva e Pereira (2010) e de Assunção e Matos (2014), ou seja, os jovens acessam o celular e utilizam redes sociais

Recife - PE - UFPE / CCSA - MGP

com a finalidade de conversar. Ao fazer isso os jovens reforçam os laços sociais, especialmente os laços fortes, reforçando a manutenção dos laços sociais estabelecidos fora da rede como sugerem Boyd e Ellison (2007).

O objetivo de conhecer novas pessoas foi apontado por 12,1% dos jovens. Por um lado, isso evidencia a tentativa de criar laços fracos e de ampliar o universo de contatos desses jovens como sugerido por Granovetter (1974). Por outro, pode apontar para uma situação de risco e de vulnerabilidade, pois pode torná-los vítimas de pessoas mal intencionadas e de crimes cibernéticos.

Tem-se ainda que 19,8 % dos jovens utilizam a plataforma para se atualizar em relação aos acontecimentos, seja por meio de compartilhamento de imagens e vídeos, seja verificando alguma postagem no *feed* de notícias de algum amigo que faz parte da sua rede. Portanto, essa atualização remete a uma forma comunicação assíncrona que, novamente, reforça a consolidação dos laços sociais já estabelecidos e os aspectos de articulação e de visibilidade na rede.



Fonte: Dados da pesquisa

Os jovens que acessam o Facebook com o intuito de jogar correspondem a 8,6% do total de entrevistados e 9,5% responderam utilizar a plataforma para se divertir de outras maneiras. Os jogos mais citados por eles foram: de lutas, carros (GTA, Social Ucar); competições (Pipa Combat, Sinuca); Fazenda Feliz; Pepper Dragon City; Dinossauro; Guitarrero Pet e outros. Consideram-se como *games* aqueles aplicativos digitais que dão suporte a interações huma-no-máquina cuja função primordial é o entretenimento e, mais especificamente, como *games online* aqueles nos quais o feedback depende da transmissão de dados através das redes telemáticas (FRAGOSO, 2008, p.37). Depreende-se que a finalidade de jogar no site da rede social é a de menor importância para os entrevistados, o que pode indicar que a cultura de jogos não faça parte dos hábitos desse grupo de jovens, pelo menos no contexto dessa rede, ou de eventuais problemas de acesso e de qualidade da internet. Mas, se a finalidade de jogar for somada à finalidade de se divertir, pode-se intuir que a rede social é percebida como uma forma de lazer.

RMP Revista dos Mestrados Profissionais – RMP HTTPS://PERIODICOS.UFPE.BR/REVISTAS/RMP

ISSN - 2317 - 0115 v. 7, n. 2. (2018) Recife - PE - UFPE / CCSA - MGP

Aqueles que usam a rede para emitir e expressar uma opinião específica sobre algum acontecimento correspondem a 12,1 % dos entrevistados. Percebe-se que o Facebook é visto pelos jovens como uma ferramenta que pode contribuir para a construção de identidade e isso pode ser percebido porque quinze dos entrevistados, ou 8,8% dos entrevistados, afirmaram ter criado páginas no Facebook, o que é um percentual significativo.

Os jovens não realizam compra e venda de produtos e ou serviços, o que pode estar associado ao contexto socioeconômico dos jovens atendidos pelo Projeto Espaço Criança Esperança. No entanto destaca-se que, mesmo não possuindo renda, esses jovens são submetidos à influência das ações ao marketing dos produtos e serviços oferecidos no site da rede social o que significa e que isso também terá peso na produção de subjetividades.

Daqueles que utilizam a plataforma para namorar, 9,5 % dos respondentes, todos são do sexo masculino. Esse dado levanta questões relacionadas a diversidades de gênero quanto à forma de uso de recursos do site da rede social.

Quando questionados sobre a utilização do Facebook para alguma finalidade escolar, 52,38 % dos jovens o utilizam para pesquisas em geral, enquanto 38,10% utilizam para grupos de compartilhamento e apenas 9,6% utilizam os fóruns de discussão. O uso do Facebook pelos jovens para fins escolares é evidenciado pelo fato serem oferecidas possibilidades de criação de ambiente de aprendizagem participativo e interativo.

Utilização dos recursos disponíveis no Facebook

Sobre a participação em eventos criados e divulgados pelo Facebook, 60,0 % dos respondentes afirmam ter ido a mais de 3 vezes, enquanto 20,0% afirmam ter ido 2 vezes e 20,0% afirmam ter ido apenas uma vez. Dos jovens que tiveram a oportunidade de criar eventos no Facebook, 37,5% deles o deixam público e 62,5% o deixam visível apenas para amigos. Com toda disponibilidade que a ferramenta apresenta (eventos públicos como: Passeatas, manifestações entre outros) os jovens entrevistados apenas utilizam o recurso propriamente ditos para ir em eventos como *resenhas* (ou festas) e aniversários.

Com relação às páginas no Facebook, 100% dos entrevistados afirmam curtir alguma página de acordo com seu gosto e/ou preferência. Destes, 15 jovens (27,7%) afirmam ter criado página no Facebook, relacionadas aos seguintes temas: "pensamentos que me vem", identidade, páginas de dança e fã clube. Dessa maneira percebe-se claramente a busca de visibilidade, como citada por Boyd e Ellison (2007). A criação de páginas evidencia uma iniciativa de exposição na rede e, como destacado por Amaral (2016), de produção de subjetividades confessionais na rede (AMARAL, 2016). As páginas criadas e citadas pelos entrevistados revelam uma predominância de temas relacionados à produção de uma identidade. Amaral (2016) destaca que uma das possibilidades que o usuário de redes sociais tem é a de assumir "uma identidade projetada e também de resistência, cujo conteúdo disseminado não passa por nenhum tipo de avaliação ou censura" (AMARAL, 2016, p. 51). A possibilidade de se assumir e de assumir a responsabilidade pelo que diz faz parte da construção da autonomia do sujeito, concebida nos moldes preconizados por Freire (1996).

Recife – PE – UFPE / CCSA - MGP

Sobre a utilização do *check-in*, percebe-se que a maioria são meninos, representando 59,2% do total. As respondentes do sexo feminino correspondem a 40,8%.

Os jovens que afirmaram utilizar o recurso do *chat* correspondem a 97,6% dos entrevistados. O *chat* é utilizado com a finalidade de conversar com seus amigos, sendo que 45,2% o utilizam sempre, 35,7% o utilizam às vezes, 14,7% o utilizam raramente e 4,3% dos respondentes nunca o utilizaram. O *chat* promove troca rápida de mensagens e informações entre o emissor e receptor e reforça os laços sociais entre os membros do site da rede social.

Segurança das informações

A maioria dos jovens entrevistados (76,1%) afirma participar de um ou mais grupos específicos dentro da rede social. Os grupos envolvem temáticas diferentes de acordo com a preferência e escolha do jovem. Um total de 16,7% dos jovens afirma fazer parte dos grupos de maneira secreta, deixando o conteúdo visível apenas para aqueles que fazem parte do mesmo grupo na rede. Ou seja, nenhum membro que é amigo e que não faz parte do grupo consegue localizar o conteúdo. Quando questionados sobre qual a privacidade do grupo do qual participam: 47,6% dos jovens afirmam participar de grupos fechados no qual qualquer um pode pedir para participar ou ser adicionado ou convidado por um membro e 35,7% afirmam participar de grupo abertos no qual qualquer um pode participar ou ser adicionado ou convidado por um membro

Dos jovens que participam de algum grupo, 71,8% deles afirmam ser produtores e receptores de conteúdo. Este fato reforça a percepção de que o jovem entrevistado aproxima-se do perfil preconizado para a geração N-Gen que busca a liberdade de expor algum tipo de conteúdo. Tem-se que 18,8% dos jovens são apenas receptores de conteúdo, enquanto 9,4% afirmam apenas produzir conteúdo.

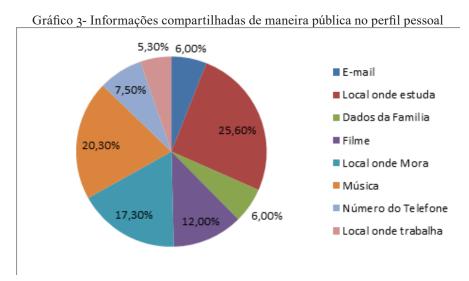
Em relação à segurança da informação, a situação acaba se agravando quando os jovens deixam disponíveis conteúdos na sua linha do tempo. Contatou-se que 58,8 % dos respondentes deixam os dados públicos, ou seja, para qualquer pessoa ver. Destes, 29,12% são meninas. Temse que 41,2% deixam os dados disponíveis apenas para os amigos da rede, dos quais 31,27% são meninas. Supõe-se que os jovens que dizem deixar as informações públicas não possuem conhecimento da privacidade dentro do seu próprio perfil.

No que se refere ao compartilhamento de fotos e vídeos, 47,6% dos respondentes compartilham de maneira pública, 2,5% não sabem como controlar o acesso seletivo, 38,1% deixam disponíveis apenas para os amigos que estão vinculados à sua rede na plataforma, e 11,8% permitem o acesso a amigos de amigos.

Quando questionados sobre quais dados do perfil são públicos (FIG. 3), podendo ser consultados por qualquer outro usuário, os resultados obtidos são: local onde estudam (25,6%); local onde moram (17,3%); que tipo de música escutam (20,3%); se trabalham e em que local (5,3%); quem são seus familiares (6,0%); qual sua preferência de filme (12,0%); e-mail (6,0%); e telefone celular(7,5%). Isso significa que, inevitavelmente, alguns dos entrevistados deixam

Recife - PE - UFPE / CCSA - MGP

disponíveis dados que não deveriam estar disponíveis, o que pode expô-los. É fundamental que todos saibam e entendam o que deve estar disponível na rede ou não para evitar esses riscos.



Fonte: Dados da Pesquisa

O acompanhamento dos pais e familiares é de grande relevância para dar dicas sobre segurança, ou até mesmo para realizar o próprio acompanhamento e fiscalização dos jovens na rede. Os pais que fazem parte do grupo de amigos dos respondentes controlam o acesso dos jovens de alguma maneira, seja limitando o horário (76,4%) ou pelo conhecimento da senha do jovem na rede (23,6%). Ao analisar a participação dos pais no grupo de amigos no site da rede social, Assunção e Matos (2014) observaram que os jovens não percebiam isso como uma forma de controle, mas como uma curiosidade. Nos questionários aplicados não foi possível constatar se essa percepção também existia junto aos jovens.

Com relação a aceitar pessoas como amigos no Facebook, 27,69% dos respondentes aceitam amigos de amigos para fazer parte da sua rede; enquanto 46,15% aceitam apenas amigos e conhecidos. Os que realizam uma pesquisa antes de aceitar desconhecidos totalizam 23,08% dos respondentes, enquanto apenas 3,08% aceitam pessoas completamente desconhecidas. O aceite de convites de pessoas desconhecidas gera uma insegurança maior para o jovem no mundo virtual.

Com relação ao acesso ao *feed* de notícias, 39,77% dos respondentes afirmam ler com atenção apenas as informações que os interessa, enquanto 22,73% compartilham notícias que consideram interessantes, 21,59% passam os olhos (*browsing*) nas publicações de modo superficial, 10,23% gostam de publicar notícias de vez em quando e 5,68% gostam de publicar e fazem isso de maneira frequente.

Quanto a questões relacionadas à busca, 45,5% dos respondentes sempre utilizam algum recurso de busca para localizar alguma informação. Essa busca envolve assuntos de interesse pessoal, buscar pessoas, páginas e ou comunidades. Do total de respondentes, 29,5% utilizam esse recurso algumas vezes, utilizam raramente 15,5% e os que nunca utilizaram esse recurso

totalizam um total de 9,5%. Os demais não utilizam nem nunca utilizaram o campo de buscas na plataforma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os dados da pesquisa pode-se considerar que os jovens do projeto Espaço Criança Esperança tendem a se aproximar do perfil dos jovens da geração N-Gen pela maneira como usam o Facebook para emitir opiniões, compartilhar ideias, entender o mundo e isso é feito com muita frequência. Desta maneira confirma-se o entendimento do site de rede social como um mecanismo de fortalecimentos dos laços sociais dos jovens, especialmente aqueles denominados como laços fortes por Granovetter (1974).

No entanto, ressalta-se que os jovens apresentam dificuldades de acesso à internet que se encontram relacionadas à sua realidade socioeconômica. O estudo aponta para a necessidade de investigar melhor o comportamento desses jovens sob a ótica da questão de gênero, pois se algumas características de comportamento são bastante comuns entre os dois gêneros, outras apresentam diferenças que merecem um estudo mais profundo, como o de utilizar o Facebook com a finalidade de namorar. Infelizmente nesse artigo não foi possível desdobrar esses dados e analisá-los sob esse viés.

O acesso à rede social por meio de celulares configura-se como uma tendência, mesmo entre os jovens entrevistados. O fato de acessar o Facebook por dispositivos móveis faz com que o jovem passe, consequentemente, muito tempo conectado. Esse uso intensivo pode ser analisado sob dois pontos de vista. De acordo com Oliveira e Ferreira, "o uso prolongado dessa rede social traz consigo possibilidades e fragilidades" (2013) e foi possível perceber várias possibilidades, especialmente ligadas à troca de mensagens de maneira rápida, troca de informação e compartilhamento. O jovem torna-se não apenas receptor de conteúdo mas, especialmente, produtor de conteúdo. Além disso a exposição contribui para a criação de laços fracos e de uma articulação e abertura para outras redes, como sugerem Boyd e Ellison (2007). Outra evidência do estudo foi o uso efetivo do Facebook para a realização de atividades educativas, o que reforça a possibilidade de criação de competências digitais alinhadas aos desafios da inclusão digital.

As fragilidades estão ligadas aos riscos que os jovens correm na rede, com a exposição indevida de seus dados pessoais, acessos discriminatórios não realizados e falta de acompanhamento dos pais e ou responsáveis nessa rede. Uma questão levantada pela pesquisa é a exposição do jovem na rede. Muitos deles dispõem do acesso seletivo em mãos e não sabem como utilizá-lo. Cm isso acabam deixando dados públicos no perfil, além de fotos e vídeos. É importante que os pais acompanhem os jovens na rede, fazendo parte dos seus amigos, verificando o que postam, e com que tipo de pessoas eles tem conversado. Diminuir a distância entre os pais e os filhos torna-se fundamental. Ao detectar essa tendência à exposição indevida torna-se importante informar aos jovens dos perigos existentes nas redes sociais e também de outros recursos que podem não estar sendo utilizados.

Recife - PE - UFPE / CCSA - MGP

da exposição no site da rede social. Amaral (2016) argumenta que os comportamentos na rede tendem a reproduzir os comportamentos fora da rede. Mas ele não abordou especificamente o grupo de jovens. Uma abordagem netnográfica pode contribuir para validar se isso também ocorre com os jovens.

Finalmente destaca-se que a pesquisa cumpriu todos os objetivos propostos. Espera-se que ao conhecer o comportamento informacional dos jovens permita criar ações informativas e preventivas para evitar que eles corram risco e que aproveitem melhor os recursos disponíveis nas redes sociais. E além disso, espera-se abrir espaço para que novos estudos de comportamento informacional possam ser realizados em outros sites de redes sociais, como o Instagram e o Twitter, que passaram a ser muito utilizados pelos jovens.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Espaços de Juventude. In: FREITAS, Maria. V. de; PAPA, Fernanda (org.). Políticas públicas: juventude em pauta. São Paulo: Cortez Editora, Ação Educativa, Fundação Friedrich Ebert Stiftung. 2003.

AGÊNCIABRASIL, Facebook chega a 2,6 milhões de usuários no mundo com suas plata formas, 30 de Out. de 2018. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-10/facebook-chega-26-bilhoes-de-usuarios-no-mundo-com-suas-plata formas. Acesso em 15 de nov. 2018. AGENDA PÚBLICA. Políticas de juventude: kit do gestor. 2015. Disponível em: http://agendapublica.org.br/wpcontent/uploads/2014/03/af_volume_1_politicas_de_juventude.pdf. Acesso em 15 de abr. 2016

AMARAL, R. Exposição privada nas redes sociais: uma análise sobre o Facebook na sociedade contemporânea. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2016.

ARAÚJO, C. A. Á. Estudos de usuários da informação: comparação entre estudos de uso, de comportamento e de práticas a partir de uma pesquisa empírica. **Informação em Pauta**, v. I, n. I, p. 61-78, 30 jun. 2016. Disponível em: < http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/2970 >. Acesso em: 20 de Março de 2016

ASSUNÇÃO, R.S.; MATOS, P.M. Perspectivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.19, n.3, p.539-547, jul./set. 2014.

BORGES, C.A.M.; TEODÓSIO, A.S.S.; GUERRA, J.F.C, Redes sociais, participação e racionalidade: um estudo de caso sobre suas tramas nas organizações não governamentais. **Sinergia**, Rio Grande, v.16, n.1, p.31-41, 2012. Disponível em: https://periodicos.furg.br/sinergia/article/view/3924/2342. Acesso em 10 abr. 2016

BOYD, D.; ELLISON,N. Social network sites: definition, history, and scholarship. **Journal of Computer Mediated Communication**, v.13, p. 210-230, 2007.

Recife - PE - UFPE / CCSA - MGP

BRASIL. Lei n. 12.852, de 5 de Agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude Disponível em: http: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf Acesso em: 20 abr. 2016.

CAPPELLOZZA, A.; MORAES, G. H. S. M. Os países diferem entre si no acesso a internet?. **InternexT-Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM**, São Paulo, v.9, n.1, p.61-80, 2014. Disponível em: https://internext.espm.br/internext/article/view/179 . Acesso em: 20 mar. 2017.

CAPUTO, V. Facebook é mais acessado usando smartphones do que pcs, **Site Exame**. 27 de julho de 2016. Disponível em https://exame.abril.com.br/tecnologia/facebook-e-mais-acessado-usando-smartphones-do-que-por-pcs/ Acesso em: 28 de jul. 2016.

CARDOSO, A.M.P. *et al.* FACIL: modelo para avaliação da literacia digital e informacional. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v.22, n.3, p.46–54, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282330821_FACIL_Modelo_para_avaliacao_da_literacia digital e informacional. Acesso em 10 mar. 2017.

CARVALHO, A.M.A. *et al.* Inovação Social em politicas publicas: A juventude em foco. **Revista Informação e Informação**. Londrina, v. 17, n.2, p. 1 – 36, maio/ago. 2012. Disponível em: < http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/13543 > Acesso em: 01 de Abril de 2016

CASTRO, P. F. V. F. Acessos e usos da internet pela juventude – digital e hipermoderna: apontamentos a partir da PNAD Internet 2015. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 40, 2017, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: 2017.

CHACHAM, A.S.; NEVES, M.A.; JAYME, J.G. Mulheres jovens de Belo Horizonte: desigualdades no acesso ao mercado de trabalho. In: FILGUEIRAS, C.A.C.; MEDEIROS, R. (Org.). **Jovens, trabalho e políticas públicas: anseios e desafios**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2016.

COELHO, P.M.F. Os nativos digitais e as novas competências tecnológicas. Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, Belo Horizonte, v.5, v.2, p.88-95, 2012. Disponível em: http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/2049. Acesso em: 09 abr.2016.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras**: TIC Educação 2015 [livro eletrônico]. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Edu_2015_LIVRO_ELETRONICO.pdf . Acesso em 04 abr. 2017.

COUTINHO, P, Clara. Blog e Wiki: Os Futuros Professores e as Ferramentas da Web 2.0. *In:* SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INFORMÁTICA EDUCATIVA, 2007. Anais [...]: 2007. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7358/1/Com%20SIIE.pdf . Acesso em: 03 mar. 2016.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Manual de estudo de usuários da informação**. São Paulo: Atlas, 2015.

DAVENPORT, Thomas H. **Ecologia da Informação**. São Paulo : Futura, 1998 . Disponível em : http://amormino.com.br/livros/20141114-ecologia-informação.pdf Acessado em: 27 abr. 2016.

ESPAÇO CRIANÇA ESPERANÇA EM BELO HORIZONTE. **Espaço Criança Esperança**. oı jan 2015.Disponivel em: http://criancaesperanca.globo.com/platb/ecebh/ . Acesso em: 05 jun. 2016.

FACEBOOK. **Politica de dados**. Disponivel em: https://www.facebook.com/privacy/explanation/. Acesso em: 05 jun. 2016

FERREIRA, N. S.; ARRUDA FILHO, E.J.M. Facebook e Whatsapp: uma análise e preferências de uso. **Revista Reuna**. Belo Horizonte, v.20, n.3, p.47-64, jul./set. 2015. Disponível em: http://revistas.una.br/index.php/reuna/article/view/641. Acesso em: 10 mar. 2016.

FIGUEIREDO, Nice. Estudo de uso e usuários da informação. Brasília: Ibict, 1994.

FRAGOSO, Suely. Games Online como Terceiros Lugares. **Revista Fronteira**, v. 10, 2008, p. 36-45, 2008. Disponível em: http://www.raquelrecuero.com/artigos/recuerointercom.pdf. Acesso em: 20 ago. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 13.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GIL, Antonio .Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, University Chicago Press, Chicago, v. 78, Issue 6, p.1930-1938, 1973.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEROGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sinopse do Censo Demográfico 2010. IBGE: Brasília, 2010. Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=12. Acesso em 20 jun. 2016.

MARTELETO, Regina Maria. Análises de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência de informações. **Ciência da Informação**, Brasilia, v. 30, n.I, p.7I-8I jan/abr 200I. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ci/v30nI/a09v30nI.pdf. Acesso em: 16 mar. 2016.

MESQUITA, B. 90% dos jovens brasileiros possuí pelo menos um perfil na rede social. **Site EXAME**. 29 de julho de 2015. Disponível em: https://exame.abril.com.br/tecnologia/90-dos-jovens-brasileiros-possuem-pelo-menos-um-perfil-proprio-em-rede-social/. Acesso em: 29 jul. 2016.

MIRANDA, L., MORAIS, C., ALVES, P., DIAS, P. Redes sociais: utilização por alunos do Ensino Superior. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE TECNOLOGIAS PARA LA

EDUCACIÓN Y EL CONOCIMIENTO, 15, 2010, Madrid. **Anais** [...]. Madrid: 2010. Disponível em: https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3041/1/comunicacion.pdf Acessado em: 09 abr. 2016.

OLIVEIRA, D. R.; FERREIRA, D. F. M. A. Quem mexeu no meu face? Uso e percepções de segurança no facebook por crianças e adolescentes. **Revista Simpósio Nacional de Pesquisadores de Cibercultura**. Ano 07, 2013. Disponível em: http://www.abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_7_Redes_Sociais_na_Internet_e_Sociabilidade_online/25709arq01633179508.pdf. Acesso em: 9 abr. 2016.

OLIVEIRA, S.E. **O** Comportamento Informacional de Pós-Graduandos de engenharia: estudo sobre a influência da personalidade. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/oliveira_es_me_mar.pdf . Acesso em: 10 mar. 2016.

PARNAIBA, C.; GOBBI, M C. Os jovens e as tecnologias da informação e da comunicação: aprendizado na pratica. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação.** São Paulo, v. 3, n. 4, p.I-I4. Jul/Ago 2010. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35450. Acesso em: 15 mar. 2016.

PRIMO, Alex . O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E- Compós**, Brasília, v. 9, p. I-2I, 2007. Disponível em: http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf. Acesso em: 12 maio 2016.

PATRÍCIO, M. R.; GONÇALVES, V. Facebook: rede social educativa? *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL TIC E EDUCAÇÃO, I, 2010, Lisboa. **Anais** [...]. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. 2010. Disponível em: http://educaremprocesso.com.br/WordPress/wp-content/uploads/2013/07/Facebook-rede-social-educativa.pdf. Acessado em: 09 abr. 2016.

RECUERO, R. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTOS, V.S.; PORTO, E.; ALTURAS, B. Análise de mecanismos de controle de aceso nas redes sociais. Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão. v.9, n.3, p. 50-60, Jul./Set. 2010. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbpg/issue/view/4341. Acesso em: 23 jul. 2016.

SEVERO, S.S. A.; MARAVALHAS, G.R. M. Educação e Sociedade 2.0: Um olhar sobre o potencial educativo do facebook. **Revista de Estudos e Linguagem e Tecnologia** – **ArteFactum,** v.7, n.2, 2015. Disponível em: http://artefactum.rafrom.com.br/index.php?journal=artefactum&page=article&op=view&path%5B%5D=715/. Acesso em: 16 mar. 2016.

SILVA, R. S.; PEREIRA, R. C. O consumo de smartphones entre jovens de camadas populares. **Revista avançada do programa de cultura contemporânea**. v.I, n.Io, 2015. Disponível em: http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/o-consumo-de-smartphone-entre-jovens-de-camadas-populares/. Acesso em: 16 mar. 2016.



SILVEIRA, G.C.F. Entre celulares, tablets, consoles e computadores: práticas digitais no cotidiano de adolescentes. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SUBJETIVIDADE E CULTURA DIGITAL: CORPO E VIRTUALIDADE, 2017, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: UFMG, PUC Minas, p.91-99, 2017.

SOUZA, A. M. I.; SOUZA, A. V. O Uso da Tecnologia Como Facilitadora da Aprendizagem do Aluno na Escola. **Revista Forum de Identidades**, Ano 4, v. 8, jul/dez 2010. Disponível em: http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_8/FORUM_V8_08.pdf . Acesso em: 9 abr. 2016.

TEZANI, T.C.R. Nativos digitais: considerações sobre alunos contemporâneos e a possibilidade de se (re)pensar a prática pedagógica. **Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v.19, n.2, p.295-207, jul./dez. 2017

ZILLER, J. *Produsage*. A lógica do usuário antropofágico. In: MOURA, M.A. (Org.). **Cultura** informacional e liderança comunitária: concepções e práticas. Belo Horizonte: UFMG, 2011